

# ENESUL 2009

ENCARTE DO CONTEXTO ECONÔMICO Nº 60 - SETEMBRO 2009

## CARTA DO XIV ENESUL

Os Conselhos Regionais de Economia dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná promoveram, em Porto Alegre/RS, nos dias 20 e 21 de agosto de 2009, o XIV ENESUL - Encontro dos Economistas da Região Sul, que teve como temática a "Crise Econômica Mundial".

A cerimônia de abertura do XIV ENESUL, ocorrida no dia 20/8, foi coordenada pelos presidentes dos Conselhos da Região Sul, economistas José Luiz Amaral Machado (RS), Charles Schneider (SC) e Luiz Antônio Rubin (PR). A primeira palestra foi realizada pelo economista doutor Roberto Camps Moraes, que abordou o tema central do Evento.

No dia 21, os economistas Gilmar Mendes Lourenço (PR), Hoyêdo Nunes Lins (SC) e Angélica Massuquetti (RS) apresentaram o painel "O reflexo da crise mundial nos Estados da Região Sul do Brasil" e os economistas Luiz Antonio Fayet (PR), Celso Leonardo Weydmann (SC) e Heron Sergio Moreira Begnis (RS), o painel "O agronegócio como alternativa para solucionar a crise econômica".

Os organizadores, reunidos no XIV ENESUL, considerando os debates resultantes das palestras e a intenção dos três Regionais em unir esforços visando à valorização profissional, decidiram:

1. Promover ações de forma a integrar a atuação dos três Conselhos da Região Sul na valorização profissional;
2. Reunir subsídios que auxiliem na proposição de ações com o intuito de apoiar o de-

envolvimento econômico-social;

3. Formalizar o Protocolo de Ações Recíprocas, documento assinado na data de hoje pelos três Conselhos, tornando público o funcionamento do Grupo Virtual economistasrs@yahoo.com.br que visa à discussão, reflexão e troca de experiências entre os profissionais dos três Estados. A moderação institucional do mencionado grupo ficará com o CORECON/RS;
4. Apoiar e estimular a participação dos economistas da Região Sul no I Encontro Sul Brasileiro de Avaliadores, Consultores, Mediadores e Peritos, a ser realizado em outubro de 2009, no Paraná;
5. Reiterar a importância da participação dos economistas no XVIII Congresso Brasileiro de Economistas, em São Paulo/SP, de 16 a 18 de setembro de 2009, importante fórum de discussões em nível nacional, durante o qual as questões regionais podem ser apresentadas;
6. Manter a atuação conjunta dos três Conselhos do Sul do Brasil e reafirmar que a décima quinta edição do ENESUL será realizada em Santa Catarina.

Porto Alegre, 21 de agosto de 2009.

*Econ. José Luiz Amaral Machado*  
Presidente do CORECON/RS

*Econ. Charles Schneider*  
Presidente do CORECON/SC

*Econ. Luiz Antônio Rubin*  
Presidente do CORECON/PR

Fotos: Jacson Ciceri



Evento contou com múltiplos patrocinadores



Roberto Camps: palestra de abertura



O agronegócio como solução para a crise foi o enfoque das palestras à tarde



Painel da manhã tratou sobre os reflexos da crise na região Sul



Painel: 21 de agosto/manhã

## Crise e trem do crescimento no Paraná

Gilmar Mendes Lourenço\*

A crise financeira internacional interrompeu uma fase ascendente do ciclo econômico no Brasil. A instabilidade exógena abortou a tendência positiva, transformando-a em marcha recessiva - com o PIB recuando 3,6% e 0,8%, no último trimestre de 2008 e no 1º de 2009 -, não plenamente revertida pelos impactos dos estímulos monetários e fiscais empregados pelo governo federal, no afã de compensar o repentino desaparecimento do crédito externo e manter a roda girando, em segmentos privados com forte multiplicador de emprego e renda. Por certo, os Estados detentores de atividades com pronunciados nexos com o exterior foram mais afetados. No caso do Paraná, depois de desfrutar de nove trimestres consecutivos

de expansão, a produção industrial decresceu 5,9% no 1º semestre de 2009 (-0,9% no 1º trimestre, e -10,5% no 2º). Mas, a maior comprovação da dramaticidade da crise no aparelho regional foi exposta pelas atividades exportadoras, cuja receita em dólares caiu 24,6% nos primeiros seis meses de 2009 (contra 23,0% no Brasil). Os decréscimos mais relevantes foram observados no complexo soja (entre -17,0% e -80,0%, de acordo com o produto), motores para veículos (-63,3%), tratores (-58,7%), madeira (-53,5%), compressores e bombas (-46,2%), automóveis (-42,1%), dentre outros. Tanto é assim que a participação do Estado na geração do PIB e das exportações brasileiras recuou de 6,4% e 9,8%, respectivamente, em 2003, para



5,8% e 7,7% em 2008. Tal desempenho enfeixa a recusa de embarque no "trem do crescimento", fruto do descaso com o aprofundamento de distorções estruturais à operação das cadeias produtivas sediadas no território estadual, e à atração de novos projetos, sintetizado na tímida presença e participação política na órbita federal, e na deterioração do aparato infraestrutural.

\*Economista, Coordenador do Curso de Ciências Econômicas da FAE Centro Universitário, Conselheiro do CORECON/PR e autor de vários livros sobre Economia Regional.

## Santa Catarina perante a crise contemporânea

Hoyêdo Nunes Lins\*

Desde o último trimestre de 2008, uma crise assombra o planeta. Seu impulso foi o estouro de uma bolha imobiliária nos Estados Unidos que provocou inadimplências, perdas bancárias e queda das bolsas, e revelou-se destrutiva, no Brasil. No início de 2009, a produção de máquinas e equipamentos recuou mais de 70%, na comparação com 2008. O segundo trimestre sinalizou uma recuperação, embalada por ações governamentais de aquecimento do consumo, em que abril foi o terceiro mês seguido de geração líquida de empregos, em trajetória de recomposição desde o solavanco de dezembro. Mas, frente aos números de 2008, a situação seguia problemática: o primeiro semestre de 2009 exibiu queda de 5,1% na atividade industrial.

Santa Catarina não ficou imune à crise. Sua estrutura produtiva possui atividades com forte presença exportadora. Dezembro de 2008 assistiu à contração de quase 28 mil postos de trabalho formais. O princípio de 2009 exibiu geração líquida de empregos, mas na comparação com 2008 o quadro foi negativo, particularmente na indústria. Assim, no primeiro semestre, o saldo positivo de 11,7 mil postos de trabalho revelou-se o pior desempenho no Estado em dez anos.

Tudo isso clama por ações de política capazes de aproveitar os (poucos) graus de liberdade reservados à escala territorial de intervenção no "diálogo" com os desafios impostos pelos grandes movimentos da Economia. Em Santa Catarina, a estrutura representa-



da pelas numerosas Secretarias de Desenvolvimento Regional deveria ser capaz de canalizar medidas condizentes. De outra parte, as infraestruturas catarinenses continuam a merecer uma atenção à altura da sua importância e dos seus problemas, como força reconhecida, entre outras coisas, a inconcebível situação do Porto de Itajaí e do trecho sul da BR 101.

\* Economista e professor do Departamento de Ciências Econômicas e Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Santa Catarina

# O reflexo da crise mundial no Rio Grande do Sul

Angélica Massuquetti\*

A crise financeira internacional ainda não dá sinais de trégua, mas em alguns países, as previsões de crescimento econômico em agosto são mais otimistas do que aquelas feitas até junho. Este é o caso de países como China, Coreia do Sul e Brasil, onde as previsões de crescimento melhoraram em ao menos 0,5 ponto percentual, nos últimos dois meses. Nos países desenvolvidos, como Estados Unidos, União Europeia e Canadá, as expectativas se estabilizaram. Mesmo nos países voltados às exportações, como Japão, Coreia do Sul e Venezuela, houve uma redução no ritmo de crescimento.

No Rio Grande do Sul, observa-se forte queda das exportações e da produção industrial. De acordo com o Índice Trimestral de Atividade Produtiva (ITAP), calculado pela Fundação de Eco-

nomia e Estatística (FEE), houve uma queda de 21% na atividade industrial no 1º trimestre de 2009 em relação ao mesmo período do ano anterior.

Entre os setores mais afetados, pode-se destacar a metalurgia básica (-45%), máquinas e equipamentos (-29%), e veículos automotores (-29,5%). Como o Rio Grande do Sul é um Estado mais dependente das exportações do que os demais, e o setor externo tem sido o mais afetado, deveremos ter um desempenho econômico inferior, em 2009.

Outro aspecto importante é o risco da não manutenção do "déficit zero" do Estado. Devido à queda da atividade produtiva e à inflação, a arrecadação de ICMS ficou estagnada (0,5%), em termos nominais, no 1º semestre do ano, situada abaixo do desempenho observado em 2008 no mesmo período (23,5%).



Além disso, a despesa total cresceu 10% em termos nominais nos primeiros seis meses do ano, o que ameaça o equilíbrio "estrutural" das contas gaúchas. Assim, o governo deveria realinhar despesas, dando mais ênfase a investimentos, e menos a despesas correntes, o que teria um maior efeito multiplicador sobre a economia, e menor custo fiscal no longo prazo.

*\*Coordenadora do Curso de Ciências Econômicas e Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)*

## O Agronegócio como alternativa para solucionar a crise econômica



Painel - 21 de agosto/tarde

### Crise - a virada virá do agronegócio!?

Luiz Antonio Fayet - Economista e Consultor

O Brasil possui as melhores condições para ser o grande abastecedor de produtos do agronegócio para o mundo: terras abundantes, condições climáticas favoráveis e variadas, alto padrão tecnológico e capacidade empresarial produtiva. Esses fatores sustentam oportunidades de comércio num mercado internacional onde já detém uma fatia de quase 7%. Pela ordem, em 2008, os principais grupos de produtos de exportação em bilhões de dólares foram: soja 18, minério de ferro 16,5, carnes 14,5, madeiras e derivados 9,3, derivados de cana 7,8 e café 4,7.

Para garantir o processo de transformação e crescimento do agronegócio brasileiro, contudo, há necessidade de se resolver um problema crítico, os

altos custos logísticos. Hoje, os nossos índices de custos são de aproximadamente o dobro dos ocorrentes nos EUA. Recentemente, o BID - Banco Inter-Americano de Desenvolvimento, divulgou estudo muito qualificado apontando os impactos dos custos da ineficiência dos transportes nas nossas exportações, estes superam o dobro do que significam as sobretaxas protecionistas nos principais mercados, ou seja, se fizermos a lição de casa em logística ganharemos muito mais do que uma rodada Doha

Apesar de ser forte e ter um invejável potencial de crescimento, o agronegócio não conseguiu ainda dar à população brasileira tudo o que pode oferecer. Tributação e juros escorchantes,



deficiências logísticas, política monetária/cambial, insegurança jurídica, burocracia, erros de política sanitária e comercial, ataques desestabilizadores dos ditos movimentos sociais, são pontos que emperram a expansão, levam a perdas na apropriação de renda pelos produtores rurais e, também, à formação de bolsões de pobreza no campo.



## As exportações do agronegócio na crise de 2008

Celso Leonardo Weydmann\*

A crise financeira impactou as exportações do agronegócio brasileiro. Houve queda dos preços das *commodities* exportadas. As quantidades exportadas caíram, e o Real desvalorizou em 2008. A inflação anual manteve-se em torno de 8%, segundo o IGP-DI. Esses indicadores não permitem, a priori, inferir sobre o desempenho das exportações do agronegócio na crise. Para esclarecer este aspecto comparou-se o comportamento da média dos preços, quantidades e valores das exportações de *commodities* do agronegócio na crise, e fora dela.

Definiu-se como período de crise os meses em que preços e quantidades exportados de cada *commodity* tiveram queda a partir de 2008. Analisaram-se dez *commodities*, cujas exportações representaram quase 40% do total exportado em *commodities*, e 20% das exportações brasileiras em 2008.

Em relação aos valores exportados, seis *commodities* tiveram maiores ganhos na crise do que fora dela, as quais foram, o suco de laranja (maior quantidade), carne de frango (maiores preço e quantidade), farelo de soja (maior preço), soja em grão (maior preço), café em grão (maior quantidade) e carne suína (maior preço). Outras *commodities* tiveram desempenho inconclusivo. Por ordem decrescente são: óleo bruto de soja, óleo refinado de soja e carne bovina.

A *commodity* açúcar foi à única com menor valor médio exportado na crise; o preço médio, embora maior, foi inferior à redução da quantidade média exportada. A desvalorização do Real, que elevou o preço em R\$ das exportações na crise, não foi suficiente para compensar as reduções decorrentes da valorização em 2004-2007 e 2009, e das perdas implícitas devido à inflação. Na crise, os ganhos na exportação foram maiores do que fora dela, para a maioria das *commodities* analisadas. Portanto, os prejuízos causados pela crise devem ser relativizados, se comparados com o desempenho do setor nos últimos cinco anos.

\*Professor de Economia da UFSC e Assessor Técnico da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina.

## A Crise Financeira Mundial e o Agronegócio Brasileiro

Heron S. M. Begnis\*

Em decorrência da crise financeira mundial, o preço das principais *commodities* despencou após agosto de 2008. No Brasil, o efeito da crise logo foi observado, uma vez que o País se integra aos mercados mundiais, apesar de sua participação no comércio mundial, historicamente, pouco ultrapassar 1%.

O PIB do agronegócio brasileiro, que em 2008 havia acumulado um crescimento de 2,81%, nos meses subsequentes à origem da crise, apresentou forte retração. O agronegócio tem sido responsável pelos saldos positivos da balança comercial brasileira desde o início dos anos 2000. Mas os efeitos da crise financeira mundial também se refletiram nas exportações desse segmento, que no ano de 2009 (janeiro a junho) têm se mantido abaixo das verificadas no mesmo período de 2008. Embora não se possa afirmar que a crise financeira tenha passado ao largo do campo, seus efeitos foram menos severos do que os observados em outros setores. Isso se deve em razão da representatividade do mercado interno para os produtos do agronegócio, e também porque as exportações brasileiras de produtos de origem agrícola mudaram seus mercados de destino. A China hoje é o principal destino das exportações do agronegócio brasileiro, e, é crescente o volume exportado para os países do oriente, em especial os países árabes.

Em termos gerais, comparando-se os preços internacionais das *commodities*, é possível afirmar que os efeitos da crise mundial foram menos severos no agronegócio brasileiro. Também cabe mencionar que a retomada do crescimento econômico mundial, que já é perceptível, tem influência direta no agronegócio, o qual é fonte de importantes matérias-primas para a indústria, que vai retomando o seu ritmo. Além disso, a retomada do crescimento do PIB mundial reflete-se em maior consumo de alimentos, estimulando o setor. Passado o rigor do inverno (a crise), o campo volta a florescer.



\*Economista e professor da Unisc, especialista em comercialização agrícola e desenvolvimento rural, economia regional e agronegócios, e estratégias e relacionamentos interorganizacionais.